

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

Monsenhor Manuel Marinho

ARRANCAR da obscuridade em que lhe apraz viver um homem que tem meritos reaes e que, por humildade christã, os occulta, e apresental-o á luz da ribalta, não para ser applaudido, mas para ser imitado, é um acto que se nos affigura digno de louvor.

Bem sabemos que, como diz o Padre Antonio Vieira, "cada um é as suas acções, e não outra coisa;" mas é sempre d'utilidade geral tornar conhecidas essas acções, quando merecedoras d'aplauso, afim de que o conhecimento d'ellas seja incentivo a outros para a pratica d'eguaes procedimentos.

Monsenhor Manuel Marinho é, sem contestação, um dos sacerdotes portuguezes que póde servir de modelo a ministros do Senhor.

Illustrado, piedoso, activo, generoso e zeloso, não ha campo algum na vasta seara catholica em que a sua benefica acção se não haja feito sentir.

Como seminarista foi modelo dos seus collegas, não só em virtude, mas em amor ao estudo, conquistando a amisade dos seus superiores, que o cumularam de premios, devido ao seu primoroso talento e boas qualidades. Professores distinctissimos, como o abalisado dr. Pedro Sanches, uma das mais robustas intelligencias do nosso clero, ainda hoje falam com encomio das provas litterarias e

scientificas, dadas nos seus exames pelo seu discipulo Manuel Marinho.

Como Padre tem sido sempre escrupulosissimo no cumprimento dos deveres do seu augusto ministerio. Por tendencia natural, aquelle que fôra excellente e aproveitado estudante dedicou-se ao ensino. O que havia recebido de seus mestres, quiz dal-o a outros. N'este campo tem sido salutarissima a sua acção, porque, mestre e sacerdote, instrue e educa, abre novos horizontes á intelligencia e encaminha a alma, aponta o veneno e acode logo com o antidoto.

Sobrecarregado com o penosissimo trabalho do ensino, que lhe absorve longas horas do dia, não esquece que é Padre e que o dever de caridade o chama ao confissionario: n'elle passa diariamente o tempo que é mister para consolar almas attribuladas e ensinar-lhes o caminho do ceu.

Não se dá, porém, por satisfeito com estes trabalhos, de si tão pesados e arduos: ainda encontra tempo para escrever brilhantes artigos para a imprensa catholica; para lançar ao mercado litterario livros piedosos, que fortaleçam as almas; para revêr e retocar producções alheias e para commentar livros como a *Imita-*

ção de Christo, commentarios que, no dizer d'um abalisado e distincto professor de sciencias ecclesiasticas, são eguaes senão superiores em merecimento á propria *Imitação*, que, depois da Biblia, é o melhor livro que tem sahido do engenho do homem.

Mas, além d'isto tudo, ainda tem uma outra qualidade, que poucos lhe conhecem: é orador



Monsenhor Manuel Marinho

distinctissimo, brilhantissimo, d'uma argumentação cerrada, esmagadora. Provou-o exuberantemente no Congresso Catholico, realizado ha tres annos na Associação Catholica do Porto, pronunciando um dos melhores, senão o melhor discurso dos que alli se ouviram. Pois n'aquelle Congresso falaram os mestres da oratoria e da sciencia e todos se prepararam convenientemente para aquelle certamen litterario-scientifico.

Alma grande e generosa, abrazada sempre em zelo santo, não sabe nem póde negar o seu concurso ás obras boas. E como o conhecem, e sabem que á sua porta se não bate nunca baldadamente, não deixa de ser constantemente importunado.

Se as instituições que tem recebido o obulo da sua generosidade falassem, muita gente ficaria assombrada do largo bemfazer d'este Padre que, não sendo rico, encontra no escritorio da sua grande caridade recursos abundantes para espalhar profusa e encobertamente, como manda o Evangelho, pelos que precisam de recursos para sustentar as obras a que se consagram.

Quando, ha dois annos, a questão religiosa pairou, ameaçadoramente, sobre o nosso infortunado paiz, Monsenhor Manuel Marinho foi um verdadeiro heroe. Ninguem o excedeu em dedicação e em sacrificios para acudir ás pobres victimas do furor satanico dos cannibaes, que ululavam raivosos por essas ruas pedindo a cabeça d'innocentes. As maiores e as mais sympathicas victimas do odio de seita foram por elle agazalhadas e encontraram n'aquelle humilde Padre o carinho, que muitos lhe negaram e que deviam ser os primeiros a prodigalisar-lhes, e o pão do corpo, que não podiam ganhar porque lhes estava vedado o exercicio dos seus ministerios, d'onde auferiam os recursos para a vida.

Monsenhor Manuel Marinho foi então, mais que nunca, um benemerito, que mereceu as bençãos do céu e da terra pela sua abnegação; e, com-

tudo, estes rasgos de dedicação e d'heroismo christãos foran feitos com tal humildade e prudencia, que o mundo os desconhece, e apenas os sabem aquelles que, por circumstancias especiaes, o não podiam ignorar, por serem testemunhas oculares dos acontecimentos.

A' Santa Sé, por intermedio do seu venerando Prelado, o qual, — podemos garantil-o, — não conhece metade dos meritos d'este excellente sacerdote, chegou noticia do que elle era e do que valia, e, para lhe dar um testemunho de consideração e apreço, nomeou-o Monsenhor. Offendeu-se a sua humildade com esta recompensa, que está muito longe de corresponder aos seus elevados merecimentos, e, quando lhe foi improvisamente apresentado o diploma pontificio que o agraciava, o seu primeiro impulso foi recusar a honra, — impulso generoso, mas impolitico e impraticavel, porque um Padre não póde nem deve regeitar qualquer honra ou encargo que lhe imponha o Vigario de Jesus Christo na terra.

Se nos fôra licito dizer aqui o que sabemos de Monsenhor Manuel Marinho, que bello quadro não poderiamos traçar da vida do sacerdote segundo o coração de Deus! Não o devemos, porém, fazer, porque seria cravar um espinho no coração d'aquelle a quem prezamos como verdadeiro amigo e admiramos como homem e como sacerdote.

A redacção d'*O Progresso Catholico* exulta de contentamento por prestar esta homenagem a Monsenhor Manuel Marinho, conscia de que será applaudida por todos os seus leitores. Bem sabemos que, se s. rev.^m chegar a ler estas desalinhadas linhas, não conquistaremos mais um titulo á sua amizade, pois não desconhecemos que estas palavras o vão ferir profundamente na sua humildade; mas ficamos satisfeitos com a nossa consciencia por termos cumprido um dever e apontado ao clero um seu illustrado e piedoso membro, digno, a todos os respeito, de lhe servir de modelo.



ASPECTOS SOCIAES

O theatro portuguez

Muito tem decahido o theatro nacional, n'estes ultimos tempos. O theatro, que podia ser uma escola de bons costumes, um espelho onde a sociedade só visse retratadas as suas virtudes, e onde aprendesse praticamente a fazer o bem, e a saber conhecer tudo quanto tem de vil o mal, para o saber evitar, que é entretanto actualmente? Uma escola de desmoralisação, um amontoado de ineptias, sem senso moral, um amalgama de disparates, em que todavia predomina o vicio, as nudezas da crapula, os aleijões moraes, o convite a todas as torpezas que fazem a desgraça da humanidade.

E está tão pervertido o gosto das nossas plateias, que só as jogralidades d'um mômo, as pernas nuas das cancanistas, as mil tentações do peccado é que tem attractivos. Um drama serio, um drama moral, onde o vicio fosse castigado e a virtude triumphasse, caia por completo, porque o nosso povo está educado só para ouvir as *Operetas* do theatro francez, onde ha o desbragamento de phrase (ainda apimentado pelo que accrescentam os actores, conhecedores do seu publico), e o atropello da moral.

Bem hajam os corações generosos que tentam fazer erguer o theatro portuguez. Bem haja a benemerita direcção do Atheneu Commercial Portuguez, bem haja a illustrada redacção do «Dia» que querem a regeneração do nosso theatro, para o levantarem do vilissimo abatimento em que elle actualmente cahiu.

Durante o mez d'Abril devem ser representadas quatro peças d'assumptos verdadeiramente nacionaes, e de comprovada moralidade: uma no Porto, e tres em Lisboa. Essas peças devem ser analysadas por um jury composto de escriptores dramaticos de reconhecido talento e sem o seu *veredictum*, não podem ser representadas.

Oxalá esta levantada tentativa surta os desejados effeitos, e abra uma epocha nova, na litteratura dramatica do nosso paiz.

A.

Instrucção Pastoral

Subordinada a esta epigraphe, foi publicada uma *Pastoral* do nosso venerando prelado o snr. D. Antonio Barroso, ácerca da bulla quadragesimal.

E' extenso este documento, e por isso o não publicamos na integra; no entretanto não podemos. attenta a idole d'este jornal, deixar de nos referir a elle.

Publicamos, porém, a ultima parte, por julgarmos ser importante para todos os nossos leitores, visto que além das noções costumadas em igual epocha de todos os annos, traz outras em especial para este anno, por commemorarem o jubileu Pontifical de S. Santidade.

Conclue, pois assim:

Resta-nos agora para conclusão d'estas breves considerações, consignar algumas palavras d'agradecimento pelo cuidado dos Revs. Parochos em promoverem as esmolas da Bulla da Santa Cruzada e Indulto Quaresmal, e pedir que, no meio de tantas contrariedades, não deixem arrefecer a fé dos que lhe fôram confiados. Com zelo prudente e illustrado procurem confirmar e avivar a fé dos crentes ácerca da doutrina catholica e especialmente sobre o assumpto da presente instrucção.

Conduzam para o aprisco aquelles que ainda estão ou se tem d'elle afastado. Não deixem os curas d'al-

mas que, por culpa propria, pereça um só d'aquelles que lhes fôram confiados, mas procurem que na proxima quaresma todos se preparem devidamente para a commemoração dos augustos mysterios da Paixão, Morte e Resurreição de Jesus Christo.

Além da pratica da confissão e da communhão, que ninguem deixe de se aproveitar das graças e privilegios da Bulla e do Indulto.

Aquella, summario individual, concede indulgencias, privilegios e faculdades necessarias a todo o fiel christão, e este, summario colectivo, concede dispensa d'abstiniencia em muitos dias da quaresma e fóra d'ella, mitigando assim, em attenção à nossa fraqueza, os antigos rigores da disciplina ecclesiastica.

A Bulla, condicção indispensavel para cada um se poder aproveitar do Indulto, concede aos fieis innumeraveis graças quanto á commutação de votos, absolvição dos peccados, composição sobre bens achados ou mal havidos, cujo dono ou pessoa lezada é desconhecida, assim como as seguintes indulgencias plenarias:

a) Duas indulgencias plenarias, para cuja consecução se requer a confissão e communhão, ou deseja-las ardentemente, não as podendo realisar, e para a segunda dentro dos segundos seis mezes da publicação da Bulla, exige-se mais o escripto do jubileu, da esmola de 20 reis.

b) A indulgencia das estações romanas para quem «devotamente» visitar cinco igrejas ou altares no lugar onde viver, tanto na quaresma como nos outros tempos do anno, no dia das estações de Roma, e não havendo tantas igrejas e altares, visitar cinco vezes uma igreja ou altar, dizendo orações a Deos Nosso Senhor pela conservação da Santa Igreja, pela paz e concordia entre os povos, e as que melhor lhe aconselhar sua devoção.¹

Estas tres indulgencias plenarias podem ser applicadas, sendo a vontade de cada um, por modo de suffragio pelas almas do purgatorio, que d'esta vida partiram em graça de Deus, com tanto que para as duas primeiras se tome a Bulla de defunctos, da esmola de 50 reis, escreva ou mande escrever o proprio nome e não o nome do defuncto, a leve comsigo e faça a applicação pela alma que deseja suffragar.

c) Finalmente a ultima indulgencia plenaria é a que Sua Santidade concede aos que durante o anno morrerem sem confissão por causa de morte repentina ou falta de confessor, comtanto que se tenham confessado no tempo determinado pela Igreja e não fossem negligentes contando com esta graça e morram constrictos.

O indulto concede dispensa d'abstiniencia:

1.º Em todos os dias da quaresma, exceptuando as sextas-feiras, sabbados, a quarta feira de cinzas, vigílias de S. José e Anunciação e os tres ultimos dias da semana Santa.

2.º Nos tres dias das Rogações ou Ladainhas.

3.º Nas quartas feiras das Temporais, e nas outras vigílias, ainda que caiam ao sabbado, exceptuando a do Pentecostes, a de Todos os Santos e a do Natal ou Nascimento de Jesus Christo, bem como as das grandes festividades das dioceses ou dos logares, quando ahi guardadas e mantidas pelos fieis com approvação dos Ordinarios.

As esmolas de 40, 80, 200 e 300 reis conforme os rendimentos de cada fiel e as do Indulto de 50 para o chefe de familia, cujos rendimentos totaes e annuaes sejam de 300.000 a 500.000 reis e de 100 para aquel-

¹ A Bulla da Santa Cruzada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Bispo de Bethsayda.

les cujos rendimentos totaes excedam 500.000 reis, são todas destinadas a despezas dos seminarios, culto de igrejas pobres, prégação...

Para cada um d'estes pontos indicados instantemente chamamos a attenção dos Revs. Parochos e Presbyteros confessores e a todos muito recommendamos que procurem instruir os fieis fazendo-lhes conhecer o que ignoram ou aclarando idéas obscuras e até falsas.

Os Revs. Parochos e Presbyteros não obriguem, mas só exhortem os fieis pela devoção e caridade a concorrerem para a Bulla e Indulto, e acceitem como verdadeiras as declarações que em consciencia fizerem.

E para suffragio das almas do purgatorio, bem como preparação de todos os fieis para a celebração dos mysterios da Paixão, Morte e Redempção de N. S. Jesus Christo, Havemos por bem, em virtude da Nossa jurisdição ordinaria, determinar o seguinte:

1.º Que os Revs. Parochos façam as procissões pelos defunctos segundo mandam as constituições diocesanas. Nas freguezias da cidade, onde não ha cemiterio nem adro, e nas outras, quando o tempo o não permittir, terá logar a procissão dentro da Igreja, ou ao menos resarão os Revs. Parochos os psalmos e orações do costume á hora da estação.

2.º O tempo da desobriga quadregesimal poderá ser prorogado até á festividade dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo pelos Revs. Parochos que assim o entenderem necessario ou conveniente, sem prejuizo da entrega dos roes nos quinze dias depois d'este ultimo prazo.

3.º Aos Revs. Parochos, bem como aos confessores que tiverem licença Nossa pelo menos d'um anno, damos a necessaria jurisdição para, durante o tempo da desobriga, absolverem seus penitentes de qualquer peccado a Nós reservado, precedendo sempre a restituição de fazenda ou de credito por parte d'aquelles que á mesma estiverem obrigados, e tambem lhes concedemos faculdades para, durante o anno corrente, applicarem aos moribundos a absolvição com Indulgencia Plenaria do Santo Padre Bento XIV.

4.º Comquanto a esmola para a Bulla da Santa Cruzada seja condição indispensavel para que os fieis se possam utilizar das graças do Indulto Quaresmal, todavia não a impomos áquelles que se aproveitarem das concessões que dependem só da Nossa Jurisdição Ordinaria.

5.º Aproveitamos esta occasião para lembrarmos ao Rev. Clero e fieis da Nossa diocese a Provisão de 15 de fevereiro do anno findo ácerca do jubileu do Santo Padre Leão XIII, bem como todas as recommendações feitas e que agora repetimos:

a) Sem impormos obrigação, é Nosso maior desejo que todos os Presbyteros da diocese celebrem uma missa que será applicada segundo a intenção do Santo Padre.

b) Que os Revs. Parochos e Capellães de Igreja ou Capellas, onde se conserve o SS. Sacramento, entoem o *Te-Deum*, ou ao menos se exponha o SS. á bocca do Sacratio e rese o Terço ou outras orações

c) Que os fieis offerçam communhões e recitem preces particulares, tudo com a intenção indicada.

Todos estes actos recommendados terão logar desde o dia 20 do proximo mez de fevereiro ao dia 3 de março, como melhor convier.

d) No dia 3 de março, anniversario da coroação, ao meio-dia, terá logar na Sé um solemne *Te-Deum* para o qual desde já e por esta fórma convidamos não só os Revs. Parochos, como tambem os Presbyteros das freguezias da cidade e circumvisinhas, que não este jam legitimamente impedidos e os fieis.

Pela nossa parte rogamos de Deus a felicidade espiritual e temporal não só para os que promovem e contribuem com as suas esmolas para a Bulla e para o Indulto, mas tambem para quantos promoverem preces e demonstrações de regosijo por se completar o vigesimo quinto anno da coroação do Chefe Supremo da Igreja.

E, se Deus permittir que celebremos a missa da Resurreição de Jesus Christo, assim o faremos no proximo dia de Paschoa, na Sé Cathedral, pelas dez horas da manhã e daremos a Benção Apostolica com Indulgencia Plenaria aos que comparecerem devidamente preparados, ou que, legitimamente impedidos, do mesmo modo dispostos, tiverem intenção de receber a Benção, que será annunciada pelo signal na torre da Igreja Cathedral.

LITTERATURA

Avó e neta

Era no anno de 1832, uma tarde de verão, calma-secca, mas o céu puro e desabafado. A' porta d'uma casa, entre o arvoredado, estava sentada uma velhinha bem passante dos setenta, mas que o não mostrava. Vestia uma especie de tunica róxa, que a apertava na cintura, com um largo cinto de couro preto, o que fazia sobresair a alvura da cara e das mãos longas. descarnadas, mas não ossudas, como usam ser mãos de velhas; toucava-se com um lenço de mais escrupulosa brancura, e posto d'um geito particular a modo de toalha de freira. Um mandil da mesma brancura que tinha no peito, e que affectava, não menos, a fórma d'um escapulario de monja, completava o estranho vestuario da velha.

Estava sentada n'uma cadeira baixa, do mais classico feitio: textualmente parecia a que serviu de modelo a Raphael para o seu bello quadro da *Madona della Sedia*.

Estava ella ali sentada na dita cadeira, e deante de si tinha uma dobadoira, que se movia regularmente, com o tirar do fio, que lhe vinha ter ás mãos, a enrolar-se no já crescido novello.

Era o unico signal de vida que havia em todo esse quadro. Sem isso, velha, cadeira, dobadoira, tudo parecia uma graciosa esculptura de Antonio Ferreira, ou d'aquelles quadros tão verdadeiros do morgado de Setubal.

O movimento bem visivel da dobadoira era mui regular, e respondia ao movimento imperceptivel das mãos da velha. Era regular o movimento, mas durava um minuto e parava, depois ia seguindo outros dois, tres minutos, tornava a parar; e n'esta regularidade de intermittencias, se ia alternando como o pulso d'um que treme sezões.

Mas a velha não tremia, antes se tinha muito direita e aprumada: o parar do seu lavor, era porque o trabalho interior do espirito dobrava, de vez em quando de intensidade, e lhe suspendia todo o movimento externo. Mas a suspensão era curta e mesurada; reagia a vontade e a dobadoira tornava a andar.

Os olhos da velha é que tinham uma expressão singular: voltada para o poente, não os tirou d'essa direcção, nem os inclinava de modo algum para a dobadoira, que lhe ficava um pouco mais á esquerda. Não pestenejavam, e o azul de suas pupillas, que devia de ter sido brihante como o das saphiras, parecia desbotado e sem lume.

O movimento da dobadoira estacou agora de repente, a velha pousou tranquillamente as mãos e o novello no regaço, e chamou para dentro de casa:

—Joanninha?

Uma voz doce, pura, mas vibrante, d'estas vozes que se ouvem rara vez, que retinem dentro d'alma, e que não esquecem nunca mais, respondeu de dentro:

—Senhora? Eu vou, minha avó, eu vou.

—Querida filha! Como ella me ouviu logo! Deixa, deixa: vem quando poderes. E' a meada que se me embarçou.

A velha era cega, cega de gotta-serena, e paciente, resignada, como a providencia misericordiosa de Deus permite quasi sempre que sejam os que n'este mundo destinou á dura prova de tão desconsolado martyrio.

—Aqui estou minha avó: é a sua meada?... eu lh'a endireito—disse Joanninha, saindo de dentro, e com os braços abertos para a velha.

Apertou-a n'elles com ineffavel ternura, beijou-a muitas vezes, e tomando-lhe o novello das mãos, n'um instante desembarçou o fio, e lh'o tornou a entregar.

A velha sorria com aquelle sorriso satisfeito que exprime os tranquillios gosos d'alma, e que parecia dizer: «Como eu sou feliz ainda; apesar de velha e de cega! Bemdito sejaes, meu Deus!»

Esta ultima phrase, esta benção d'um coração agradecido, que aspira suavemente para o céo, como sob do altar o fumo do incenso consagrado, esta ultima phrase trasbordava-lhe, e saiu articulada dos labios:

—Bemdito seja Deus, minha filha, minha Joanninha, minha querida neta! E Elle te abençõe tambem, filha!

—Sabe que mais, minha avó? Basta de trabalhar hoje, são horas de merendar.

—Pois merendemos.

Joanninha foi dentro de casa, trouxe uma banquinha redonda, cobriu-a com uma toalha alvissima, chegou-a para ao pé da velha, tirou-lhe o novello da mão, e arredou a dobadoira. A velha comeu alguns bagos d'um cacho dourado, que a neta lhe escolheu e poz nas mãos, bebeu um trago de vinho, e ficou callada e quieta, mas já sem a mesma expressão de felicidade e contentamente socegado, que ainda agora lhe luzia no rosto.

As animadas feições de Joanninha reflectiam sympathicamente a mesma alteração.

A velha suspirou profundamente, e, fazendo como um estorço para se distrahir de pensamentos que a affligiam buscou incertamente com as mãos o novello da sua meada.

—O meu novello, filha? não posso estar sem fazer nada; faz-me mal.

—Conversemos, avó.

—Pois conversemos; mas dá me o meu novello. Não sei o que é; mas, quando não trabalho eu, trabalha não sei o quê em mim, que me cança ainda mais. Bem dizem que a ociosidade é o peor lavor.

Joanninha deu-lhe o novello, e poz-lhe a dobadoira a geito.

A velha sentiu o que quer que fosse na mão, levou-o á bocca, e pareceu beijal-a; depois disse:

—Bem vi, Joanninha!

—O quê, minha avó? Que viu?

—Vi, filha, vi... Sem ser com os olhos que Deus me cerrou para sempre,—louvado seja Elle, por tudo!

—vi, sentindo, esta lagrima tua, que me caiu na mão, e que já cá está no peito, porque a bebi, Joanna! Oh filha, já! é muito cedo para começar, deixa isso para

mim, que estou costumada; mas tu, tu, com dezeseis annos e nenhum desgosto!

—Nenhum, avó! É estamos sosinhas nós duas n'este mundo, minha avó n'este estado, eu n'esta idade e...

—É Deus no céo para tomar conta em nós... Mas que é? olha, Joanna: eu sinto passos na estrada, vê o que é.

—Não vejo ninguem.

—Mas ouço eu... Espera... é Fr. Diniz: conheço-lhe os passos.

Mal a velha acabava de pronunciar este nome, surdiu de traz d'umas oliveiras, que ficam na volta da estrada da banda de Santarem, a figura secca, alta e um tanto curvada d'um religioso franciscano, que, abordoado em seu páo tosco, arrastando as suas sandalias amarellas, e tremendo-lhe na cabeça o seu chapéu alvadio, vinha em direcção para ellas.

Era Fr. Diniz com effeito, o austero gurdião de S. Francisco de Santarem.

V. D'ALMEIDA GARRETT.

Viagens na minha terra.

DE TUDO UM POUCO

Nada foi creado sem motivo

Um poeta allemão suppõe que o santo rei David, dirigindo-se um dia ao Senhor, lhe perguntou a razão porque havia creado as moscas e as aranhas, que não têm prestimo algum n'este mundo.

—Um dia t'ó farei reconhecer, respondeu uma voz sahida do centro das nuvens.

David desceu certa occasião do monte Hachila e se internou no campo de Saul, para lhe tomar as suas armas e a sua taça. Havendo conseguido o seu proposito, quiz retirar-se; mas embarçou os pés entre as pernas de Abner, que descansava junto de Saul; por muito tempo ficou immovel e afflicto, porque o menor movimento que acordasse Abner o perderia infallivelmente.

Mas Deus permittiu que uma mosca mordesse levemente Abner e o obrigasse a voltar a perna sem acordar.

David sahio logo do campo, dando graças ao Senhor por ter creado as moscas.

Comtudo Saul perseguiu o seu inimigo até ao deserto. David, para lhe escapar, escondeu-se em uma caverna; Deus immediatamente mandou uma aranha que dentro em pouco urdiu a sua teia, deante da estreita abertura d'este asylo.

—Se elle tivesse aqui entrado, esta teia d'aranha não estaria inteira, respondeu Saul aos que diziam que se entrasse dentro; e continuou seu caminho.

David se prostou sobre o pó e exclamou:

—« Bem depressa, Senhor, me haveis illuminado: perdoae-me Jehovah; e asseguro-te, que nunca mais a menor duvida entrará em minha alma. Sim, as aranhas e as moscas têm utilidade sobre a terra; o que tu dizes é sabio e prudente; o que tu fazes é justo e é santo.

Calendario:

Fevereiro
15
1903

Faz hoje 553 annos que foram solemne-mente trasladadas as reliquias do corpo de Santo Antonio, para a grandiosa basilica de Padua, visto ter-se dado esse facto em 1350. Nasceu o grande thaumathurgo portuguez em 15 d'agosto de 1105, sendo chefe da Igreja catholica o Papa Celestino III, e rei de Portugal D. Sancho

I, o *Povoador*, e falleceu em Padua a 13 de Junho de 1231. Para o numero 16, correspondente ao dia 15 d'agosto, anniversario natalicio do santo mais glorioso do sacro florilegio portuguez, seremos mais minuciosos em factos biographicos.

Pensamentos :

Nunca fies o teu segredo, a quem te revela o alheio.

O remorso, diz um grande doutor da Igreja, é a maior das atribulações.

Quem não refere a Deus o talento que d'elle recebeu, arrisca-se a perder a sua alma, mas de certo mais facilmente a perde, quem o emprega contra o seu Deus.

Humorismos :

Sendo preso certo individuo, accusado de embriaguez, e sendo conduzido ao tribunal, disse-lhe o juiz :

— A participação diz que você estava embriagado. E' isso verdade ?

— E' possivel, snr. juiz, que eu me embriagasse, porque isso pôde succeder a toda a gente.

— Mas você espancou a sua mulher, e isso é mal feito.

— Eu espancar minha mulher ! Oh ! meu Deus ! Eu só lhe dei com o lenço de assoar. — Nem ella pôde dizer o contrario.

— Isso é verdade, snr. juiz — disse a victima, — mas elle não diz que o lenço de que usa são os dedos !

*

Um jornal americano publicou ha dias, o seguinte annuncio :

«Maneira de escrever, sem penna e sem tinta. Dá-se a explicação a quem enviar um dollar.—P. P.»

Cahiu um ingenuo em mandar a quantia pedida, e recebeu no dia seguinte um bilhete postal, que dizia apenas o seguinte :

«Escreva com um lapis.»

Notas de sciencia :

Affirma um jornal scientifico que temos presente, que devem ser este anno visiveis ao nosso planeta, nada menos que 26 cometas ! E' o que se pode chamar um congresso de cometas. Os astrónomos poderão, pois, observar o cometa descoberto em 1843 por Faye, e que foi visivel pela ultima vez em janeiro de 1881 ; o de Winnecke, cuja ultima passagem foi em junho de 1892 ; o de Brossen em fevereiro de 1890 ; o de d'Arrest em setembro de 1890 ; e o descoberto a 19 de janeiro d'este anno por Mr. Giacobini astrónomo de Marselha, e 21 cometas periodicos, dos quaes tres foram descobertos em 1900.

Muito se tem occupado a sciencia, ácerca dos cometas periodicos. Tem acontecido haver predições de que a terra ia ser fatalmente chocada contra um cometa, que apparecia na sua orbita, mas essas predições, graças ao poder do Altissimo, nunca se realisaram.

O celebre cometa de Biela foi origem de grande terror, durante a sua passagem em 1832. Tinha sido visto primeiramente por Biela em 27 de fevereiro de 1826 e 10 dias depois por Gambart, que descobriu ser o mesmo que já havia apparecido em 1805, e em 1772. A orbita cortava exactamente a da terra, e em 1832, se se houvesse demorado mais um mez, teria encontrado o nosso globo. D'ahi os receios que elle causou.

Este mesmo cometa foi visto mais duas vezes : em 1846, e em 1852. Da penultima vez notaram os astrónomos um phenomeno assaz raro e curioso, e foi que, n'um dado momento, o cometa separou-se em duas

partes, formando dois astros distinctos, sendo ligados os dois nucleos por um arco luminoso.

Quando appareceram em 1852, ainda vinham reunidos, mas já não vinham a par ; havia entre os dois uma distancia de 2.600:000 kilometros.

Não foram vistos nem em 1859, nem em 1865. Mostraram-se em Madrasta, (Indias orientaes) em 1872, e depois tudo desapareceu. Suppõe-se que a Terra conseguiu deslocar este curioso systema cometaryo.

Curiosidades :

Vamos mostrar aos leitores como eram as casas, entre os gregos e os romanos :

A habitação grega (cujo typo se encontra ainda nos montes da Asia Menor e da Thessalia), maior ou mais pequena, segundo a importancia do individuo que n'ella habitava, tinha o seu lar no centro. O fumo saia por um buraco, feito no tecto. Era formada por uma salla central, que servia a todos os usos entre os pobres: cozinha, salla de jantar, salla de trabalho, e quarto de dormir.

Para as pessoas ricas, compunha-se de tres peças de fundo: as da direita e da esquerda, eram quartos de dormir, e a do meio servia para o trabalho e para as reuniões. Sobre as paredes lateraes installavam-se os curraes e as cavalhariças. No primeiro andar eram eram os celleiros.

A casa, no tempo de Pericles, guardava o character generico da habitação primitiva. As janellas não abriam para a rua, mas para um pateo interior. A porta da entrada estava separada da rua por uma divisão fixa. Quanto aos quartos eram bastantes; uma eram destinados ás provisões, outros ás pessoas da casa e outros aos amigos. Em algumas casas, havia uma salla de banhos, uma padaria e uma pastellaria. As paredes eram de madeira e de tijolos. Já havia telhas sobre os telhados.

Entre os romanos, a habitação era etrusca. Era caracterisada pelo *Atrio*, grande camara central, em cuja volta se aglomeravam as outras peças.

O tecto era formado de quatro partes, inclinadas para o interior, d'onde, por uma abertura rectangular central, (*o compluvium*), as aguas da chuva vinham cahir dentro d'um tanque, chamado o *impluvium*.

Em volta do *Atrio* estavam os diferentes aposentos. Uma pequena escada de 2 ou 3 degrãos precedia communmente a porta da entrada: havia ahi um batente ou uma campainha para annunciar o visitante.

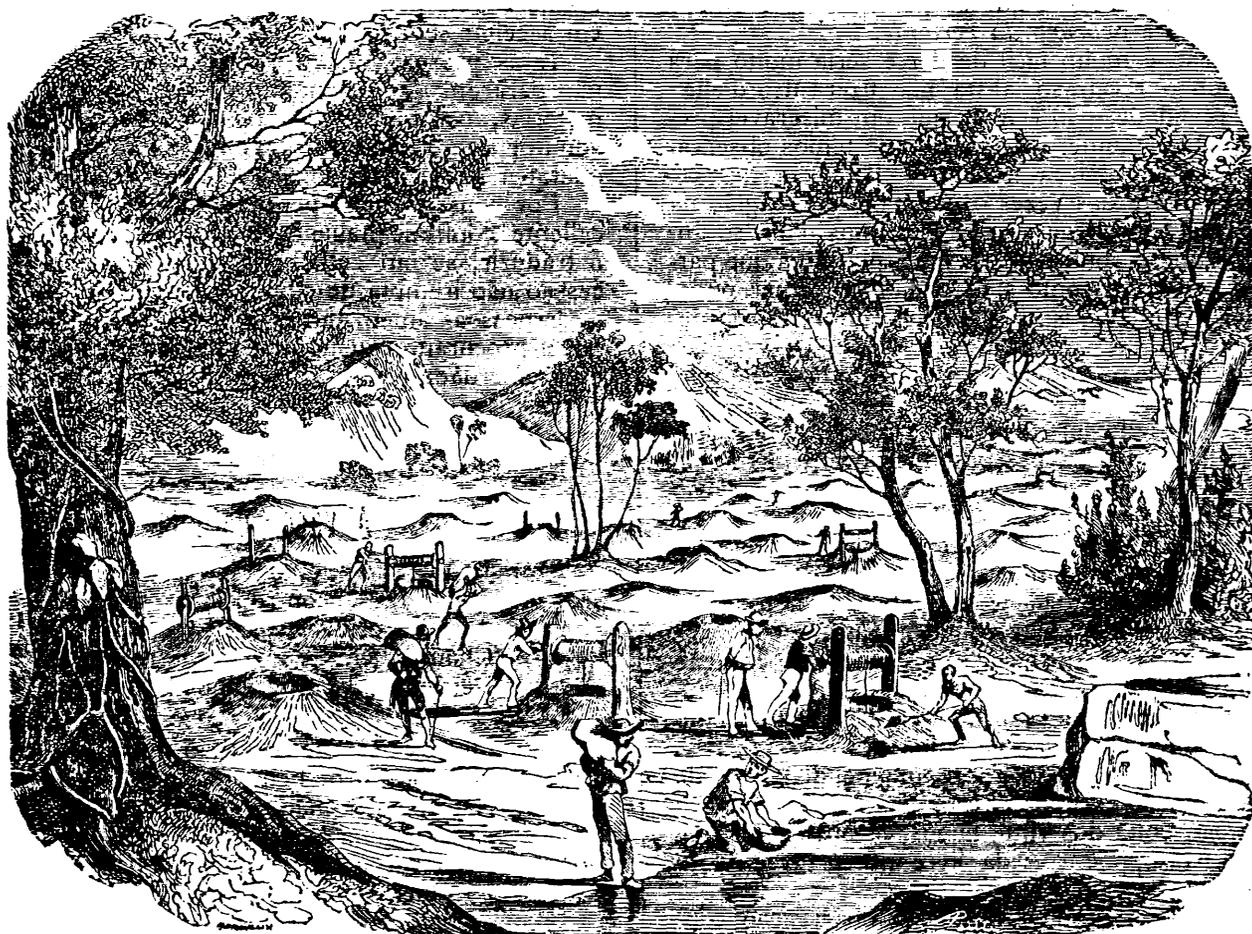
Com o andar dos tempos, os compartimentos em volta do *Atrio*, transformaram-se em quartos. Um grande, chamado *Tablinum*, communicava livremente com o *Atrio*; era ahi que se collocavam os *Penates* (deuses do lar). Ahi é que se comia. Mais tarde o *Tablinum*, transformou-se no quarto do chefe da casa.

Alem do *Tablinum*, havia as azas, *Alæ*, sallas d'apparato, os *Cubicula*, ou quartos de dormir. Alem d'isso os armazens, celleiros e cozinhas.

Os romanos comiam reclinados sobre uma especie de camas.

Versos escolhidos :

Minha barca, ao largo, ao largo !
 Longe a praia, longe o mundo !
 Ao sentir que é tão profundo
 A soidão somente apraz . . .
 Fiquem la na terra embora,
 Os mimosos da ventura,
 Barca, da-me a aragem pura,
 As solidões, o ermo, a paz,



Minas de ouro na America

Dá-me a paz, que entre os humanos,
Chamo em vão, e em vão desejo ;
Onde busco e nunca vejo,
O que pede o coração ;
Onde espiam nos meus olhos
Um segredo, um sentimento ;
E um ouvido ha sempre attento,
Barca, dá-me a solidão !

Prôa ao mar, e o rumo á sorte,
Minha barca airosa e bella !
Venha o sul ! venha a procella !
Que te importa o temporal ?
Sobe a vaga ! desce ! vôa !
Rasga a vela ! quebra o leme !
Coração triste não teme
Escarcéus, nem vendaval !

Adeus, praia, adeus familia !
Adeus, prados ! adeus relvas !
Adeus, canticos das selvas !
Adeus, rosas dos salões !
Minha barca, solta e livre,
Como a rosa destroncada,
Vae, contente, acalentada,
Entre os braços dos tufões !

Se eu achar por sepultura,
Ao fugir do mundo ás maguas,
Vosso abysmo, ó fundas aguas,
Quem patenteia o martyr ? quem ?
E se um vento bonançoso,
Me encontrar sosinho e absorto,
E levar a barca a um porto,
Quem me acolhe ali ? — ninguém !

Minha barca, ao largo, ao largo !
Longe a praia, longe o mundo !
Ao sentir que é tão profundo,
A solidão sómente apraz :
Fiquem lá na terra embora,
Os mimosos da ventura ;
Barca, dá-me a aragem pura,
A solidão... a morte em paz !

THOMAZ RIBEIRO.

COLLABORAÇÃO

A «procura da verdade»

O nosso excellente confrade catholico de Turim, a
Italia reale, acaba de publicar uma carta d'um joven

professor, que passou da fé catholica para o socialismo — irreligioso, é claro — e que dá por base da evolução do seu espirito a *procura da verdade*.

Esta razão é muito facil de dar e seria muito para admirar que o recém-socialista não fizera uso d'ella; mas, em realidade, não é mais que um miseravel pretexto n'um bom numero de casos que temos observado, quer no nosso paiz, quer fóra d'elle.

A maior parte das vezes o que cáhe da religião na incredulidade não chega a estes extremos d'um só impulso, e os que o conhecem de mais perto, os que partilham até em certo ponto a sua vida intellectual, poderiam dizer alguma cousa sobre o *processar* da sua decadencia.

E quando este ou aquelle apostata —, as nossas observações não visam ninguem em particular — afirma que o amor da verdade foi o seu unico mobil, pode obter algum credito junto de pessoas mais ou menos irreligiosas, cuja consciencia encontra uma certa consolação n'esta asserção.

Acontece exactamente o contrario com os catholicos instruidos e serios; fallamos dos que conhecem as bases inquebrantaveis da sua fé, e querem tirar todas as consequencias logicas d'este conhecimento.

A experiencia da historia e a sciencia do coração humano revelar-lhes-hão facilmente as verdadeiras causas d'uma devoção que, no fundo, está longe de honrar aquelle que d'ella se torna culpado.

Estas causas são o espirito de independencia e de revolta, a ambição e cupidez, e muitas vezes, com ou sem estas, em volta dos vinte annos, os obstaculos que a moral christã oppõe á «vida livre no sexto e nono mandamentos.»

Isto foi verificado muitas vezes pela observação, confessado por innumeraveis convertidos, e não se pôde pôr isto em duvida sem negar por assim dizer a evidencia.

Fallamos, bem entendido, d'aquelles que receberam uma educação christã com o ensino religioso d'uma extraordinaria solidez.

São, felizmente, pouco numerosos no nosso paiz, e, felizmente tambem, podemos certificar que aquelles que pretendem ir procurar a verdade fóra do catholicismo não formam senão uma excepção minima.

N'esta viagem longe do porto sagrado, a maior parte pára nas escolas da duvida ou da indiferença, e muitos d'entre elles tornam até para traz, se certas circunstancias favorecem o seu regresso.

Infelizmente não succede o mesmo pelo que diz respeito a um grande numero dos nossos compatriotas, que passaram pelo ensino leigo em todos os seus graus.

Em muitos d'estes, a falta commettida contra a Verdade essencial que não professam, pode ser mais ou menos largamente attenuado por circunstancias de que não são responsaveis.

Mas receberiamos ir muito longe se acceitassemos que o incredulo pode existir sem censura deante de Deus e dos homens n'um paiz onde a questão religiosa está sendo incessantemente lançada pelo odio e pelo amor, no meio das luctas politicas e até das luctas sociaes.

Por nossa parte temos discutido muito com incredulos do typo portuguez: liberaes, radicaes e socialistas. Não nos recordamos de ter convertido um só; talvez, todavia, que conseguissemos lançar aqui e acolá sementes que, sob os raios do grande sol da Verdade, produzirão um dia fructos de salvação.

E o que sempre verificamos foi uma grande ignorancia de todas as coisas religiosas, uma determinação

bem premeditada de só se occuparem dos ensinamentos da Igreja para a combater, uma facilidade extrema em acceitar sem provas tudo o que lhe é hostil.

E as pessoas mais instruidas entre os incredulos não parecem geralmente as menos ignorantes n'estas materias, nem as menos obstinadas em não querer admitir que uma pessoa ou um livro possa ensinar-lhes qualquer cousa a respeito dos factos divinos.

Por consequencia, perguntaremos com o nosso excellent confrade italiano, no qual nos inspiramos sem o traduzir, se um catholico serio pode, sem uma concessão não isempta de cobardia, dizer ou escrever que estas pessoas amam talvez a verdade ou que pelo menos a procuram — quando passam toda a sua vida ao lado da Verdade essencial, sem querer occupar com ella os seus espiritos.

A vacca perdida

Quem me encontrou lá na serra,
A vacca preta que eu tinha?
Chamo-a em vão; não me responde,
Perdeu-se a pobre vaquinha!

Outros bens de meu não tinha,
Nem já outros bens queria;
Não tinha já mais ninguem;
Era a minha companhia.

A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou? — coitadinha!

Não temes ir pelas moitas,
Dar com o lobo carniceiro?
Não ouves chamar-te, uivando,
O nosso fiel rafeiro?

A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou? — coitadinha!

Faltou-te, acaso, faltou-te
Na manjedoura a ração?
Não tinhas tu herva fresca,
Emquanto eu não tinha pão?

A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou? — coitadinha!

Ai sem razão me fugiste...
Más palavras não te dei...
Só se foi ha quatro mezes,
Quando, triste, enviuei!

A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou? — coitadinha!

Eras ama de meu filho,
Que sem ti se vae finar:
Vendo a arribana deserta,
Quem m'o ha de consolar?

A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou? — coitadinha!

Quando em maio refflorem
Estes nossos arredores,
Quem ha de levar-te ao pasto,
Toda enfeitada de flores?

A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou? — coitadinha!

Lembra-te, ingrata, do dia
Que eu tremia co' a sezão:
É mais por livrar-te ao frio
Te cobri co' o meu gabão.
A vacca preta que eu tinha
Quem m'a encontrou? —coitadinha!

Adeus, sem ti voltarei:
Procura mais rico abrigo;
Busca outro dono que eu morro...
Horas de Deus vão contigo.
A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou? —coitadinha!

Foge á neve da montanha,
A' sombra foge no val';
Ha de acabar-me esta perda,
Mas não te desejo mal!
A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou? —coitadinha!

Virás co' as pontas rapar
Algum dia á minha porta:
Virás tarde, que has de achar,
A familia então já morta.
A vacca preta que eu tinha,
Quem m'a encontrou? —coitadinha!

J. da S. MENDES LEAL.

Visita pastoral

Como foi anunciado, realisou-se no dia 18 em Airões a visita pastoral do nosso Bispo, D. Antonio Barroso, facho luminosissimo do episcopado portuguez. Sua Ex.^a Rev.^{ma} vinha acompanhado do Rev.^{mo} Vigario da Vara e dignos parochos de Santão, Villa Verde, S. João e Airões, Rev.^{mo} Antonio Pinto de Carvalho que esquecendo os innumerados trabalhos que teve com as confissões n'aquelle dia e transactos, os quaes o deixaram muito fatigado, lá foi ao encontro do seu santo prelado acompanhando-o á sua freguezia. Quando sua Ex.^a Rev.^{ma} pisou a terra d'Airões uma girandola de foguetes atroava os ares e os sinos da nossa igreja repicavam jubilosamente, fazendo despertar na multidão que por toda a parte o esperava uma alegria indiscriptivel, delirante. O povo avido por ver aquelle que vinha em nome do Senhor, perfilava-se respeitosa e ás bordas dos caminhos como para lhe fazer a guarda de honra. O solo estava juncado de verduras e flores e dois arcos esperavam o nosso preclaro Bispo que tambem vinha acompanhado com uma banda de musica. Um arco n'um sitio realmente pittoresco e de que sua Ex.^a Rev.^{ma} gostou muito era singello e de bom gosto e tinha duas meninas graciosamente vestidas á lavradeira que em nome de todos os habitantes d'esta freguezia, deitaram flores ao nosso amantissimo Bispo; o outro mais adiante, era tambem uma belleza, não passando despercebido a sua Ex.^a Rev.^a nem a poesia d'um nem a grandeza do outro. Sua Ex.^a Rev.^{ma} foi direito á residencia onde se parou com as vestes prelaticias e depois das ceremonias do estylo fez a sua entrada solemne sob o palio e acompanhado de bastantes sacerdotes, no vasto e magestoso templo onde os sacerdotes com orchestra lhe entoaram o: «Ecce sacerdos magnus». Antes porém d'estas ceremonias, quando o nosso adoravel prelado entrou no adro, as cantoras do Coração de Jesus

o cobriam de flores e mais adiante as zeladoras do Coração de Jesus com seus distinctivos—fita vermelha e cruz-medalha, aguardavam com taças de flores em duas alas a passagem de sua Ex.^a Rev.^{ma} cobrindo-o de pétalas de rosas e chrysanthemos e dando-lhe entusiasticos vivas, correspondendo o nosso excelso prelado a estas manifestações tão espontaneas como sinceras com sorrisos benevolos e benções abundantissimas.

Tinha rasão de se sorrir o nosso venerando Bispo, porque em cada pétala de rosa lhe era transmittido o puro affecto e encendido amor que as zeladoras do SS. Coração de Jesus com o seu paster lhe consagram, sendo capaz cada uma d'ellas de offerecer a Deus a sua vida em holocausto pela preciosa vida e saude de sua Ex.^a Rev.^{ma}. Depois seguiu-se o santo sacramento da confirmação em que foram chrismadados 880 pessoas durante até ás 7 1/2 horas da noite. Fimda esta santa cerimonia deu sua Ex.^a Rev.^{ma} a benção com o SS. Sacramento, sendo cantado, antes, a grande instrumental o - *Tantum Ergo* - a uma multidão que se aglomerava, mas d'um porte correctissimo, não sendo d'estranhar o contrario, attendendo ao aperto que estava na igreja. Depois o nosso illustre Antistite revestiu-se de lucto fez a procissão de defunctos que se limitou em volta do adro por o cemiterio ficar um pouco distante e a noite ir muito adiantada.

N'aquelle momento era imponente ver o nosso amantissimo Bispo rodeado de 10 sacerdotes com a cruz parochial e muito povo que n'um silencio sepulchral elevava ao céo nas nivas azas d'uma fé viva fervorosas supplicas pelas almas dos idolatrados extinctos! Os sinos dobravam a finados cujos sons plangentes se uniam com o psalmodiar dos sacerdotes echoando em nossa alma inundando-a em sensibilidade. A cubrir este quadro sublime da fé christã havia a cupula immensa do firmamento estrellado mas triste que fazia um concerto pathetico, bello e assombroso com as tres egrejas—triumphante, purgante e militante que alli se uniam em suave, intimo e doce amplexo. Oh! bemdita a religião de Jesus! Bemdita. Depois procedeu sua Ex.^a Rev.^{ma} ao exame dos altares, pias d'agua benta e baptisterio achando tudo na melhor ordem o que muito lhe havia de agradar, muito principalmente por ser este sempre o estado de tudo na igreja d'Airões, graças ao zelo nunca desmentido do Sñr. Reitor. Sua Ex.^a Rev.^{ma} elogiou a igreja e as imagens dos Corações de Jesus e Maria achando-as muito bem esculpturadas e o altar de muito valor artistico; concedeu, como recordação da visita pastoral, 40 dias de indulgencias ao C. de Jesus e 30 ao C. de Maria. Seguiu sua Ex.^a Rev.^{ma} para a sacristia, onde, em exposição, estavam os paramentos e mais objectos do culto, que se não são ricos, são muito bons; e com a bondade e affabilidade que são peculiares ao nosso venerando prelado, deu o beija-mão, retirando-se para a residencia, deixando na alma de quantos tiveram a felicidade de assistir á visita pastoral impressões indeleveis e intimamente convencidos que o Espirito Santo derrama abundantemente sobre sua Ex.^a Rev.^{ma} os seus sete dons. Dia 18 de novembro como jamais te olvidaremos! Como ficarás gravado em letras d'ouro nos annos d'esta freguezia! Como d'ora avante os seus habitantes hão-de ter a fé mais viva, mais heroica, não se envergonhando de serem christãos praticos. Será este o principal fructo que havemos de colher da visita pastoral. O nosso adoravel prelado levará do povo d'Airões gratas impressões, que se não fez a sua Ex.^a Rev.^{ma} uma recepção ruidosa como desejava, mas que muitas vezes illude, provou o amor, respeito e submissão que consagra ao seu santo Bispo pela simplici-

dade, apanagio das almas sinceras e crentes. Salve, D. Antonio Barroso! Salve!

M. M.

ESTUDOS

O Santo Sudario de Turim

II

Vejamos agora o que a historia reza a respeito do Santo Sudario.

Só a partir do anno de 1353 é que temos noticia exacta a seu respeito, isto é, apenas desde esta epocha é que elle pertence definitivamente á historia.

O conde Geoffroy de Charny, senhor francez, tendo fundado em Lirey, na Champagne, uma abbadia, fez presente do Santo Sudario aos conegos da sua collegiada.

Os antepassados do conde de Charny fizeram parte dos cruzados. Seria o Sudario trazido do Oriente como espolio de guerra ou recompensa de valor? Nada de positivo se pôde affirmar; ha portanto treze longos seculos durante os quaes não podemos seguir precisamente o Sudario cujo valor historico se acha assim diminuido por esta enorme lacuna.

Eis, no emtanto, alguns dados historicos que, desligados como são, levam comtudo a tirar-se conclusões favoraveis á passagem do Sudario atravez d'estes tempos tão obscuros para elle.

Que Christo baixara ao sepulchro envolto em um lençol (sindon), diz-nos os livros santos. D'aqui pôde muito bem deduzir-se que sua Mãe, as santas mulheres e os seus discipulos guardariam entre si tão preciosa reliquia, transmittindo-se assim religiosamente, de geração em geração, atravez das edades.

A mais antiga noticia de sudarios remonta ao anno de 670. No seculo XI os peregrinos do Oriente citam os pannos sepulchraes de Christo que existiam em Constantinopla. Roberto de Clary conta que em 1200 havia em Constantinopla um sindon conservado na capella imperial, o qual era considerado como tendo sido a propria mortalha de Christo. Ora em 1205 a cidade foi posta a saque pelos latinos e o sudario desapareceu seguidamente.

Sabe-se mais ainda que um bispo de Troyes, Garnier de Trainel fazia parte da expedição dos cruzados, e que a este fôra entregue a guarda das reliquias da capella imperial. Enviara este prelado successivamente para a Europa grande numero d'estes objectos preciosos, mas n'esta lista não se vê figurar o sudario.

Por este tempo morria o bispo inesperadamente, e então pôde suppor-se ter cahido a reliquia, propositadamente conservada por elle a occultas, em poder dos seus officiaes que eram nobres senhores da Champagne, um dos quaes era aparentado com um ascendente do conde de Charny.

Até aqui a parte conjectural da historia que, como se vê, é-lhe extremadamente favoravel; agora segue-se a parte rigorosamente historica.

Em 1353, como já dissemos, o conde Geoffroy I de Charny fez d'elle doação a uma abbadia que acabava de fundar em Lirey, pequena localidade, visinha de Troyes.

Este nobre era governador da Picardia, e tinha acompanhado o delphim de Viennois, Humberto II á cruzada de 1346. Em 1355 o rei de França, João II conferiu lhe o cargo de porta-auriflama, e morria, um anno depois, ao lado do rei, a 19 de Setembro de 1356 na batalha de Poitiers.

Em 1355, o bispo de Troyes, Henrique de Poitiers, oppõe-se ás peregrinações que então se faziam ao Santo Sudario, e não lhe reconhece a authenticidade, sendo entregue ao seu doador. Esteve assim ignorado por espaço de trinta e quatro annos. Em 1389 torna a apparecer, e a interdicção episcopal reaparece.

Ateou se a questão; seguiu-se um processo com ameaças de excommunhão dirigidas, quer a Geoffroy II de Charny e aos conegos de Lirey pelo novo bispo Pedro de Arcis que allegava uma pretensa confissão do pintor falsario da reliquia, quer a este bispo pelo papa então reconhecido em França, o antipapa Clemente VII de Avinhão, que veio pôr ponto na questão, fazendo-o venerar como uma simples copia. Era esta uma altitude prudente visto o Sudario não apresentar nenhuma garantia historica. Em 1418, os conegos de Lirey entregam-no ao genro e successor de Geoffroy, Humberto, conde de la Roche, senhor de Villeserxel e de Lirey. A viuva de Humberto cede-o em 1452 aos duques de Saboia.

Renasce então um culto solemne. A 11 de Junho de 1502 é deposto o Sudario, na Santa Capella do castello de Chambéry. Em 1532, o fogo devora em parte a capella e deixa vestigios indeleveis no Sudario, salvo milagrosamente.

Em 1534, as Clarissas de Chambéry reparam-no, forrando-o de tela de Hollanda. Em 1578 transportam-no a Turim para evitar uma viagem fatigante ao arcebispo de Milão, S. Carlos Borromeu. E fica d'ahi por diante na Italia.

No decorrer do seculo XIX exhibiu-se seis vezes: em 1814 por Victor Manuel I; em 1815 a pedido do papa Pio VII; em 1822 pela ascensão de Carlos Felix; em 1842 e 1868 pelos casamentos de Victor Manuel II, e do principe Humberto, depois rei; e a ultima em 1898 por occasião da exposição de Turim, dando lugar á sua celebre demonstração scientifica.

(Continua.)

P.

AS NOSSAS GRAVURAS

Minas d'ouro na America

São conhecidas e apreciadas as numerosas minas d'ouro na America. As da California, por exemplo, teem produzido uma innumeravel quantidade d'ouro, e dado muitas riquezas não só á America, como tambem á Europa, para onde teem vindo.

Nos reinados de D. João III até D. José, vieram para Portugal muitos galeões carregados d'ouro em barra, extrahidos d'aquelles immensos filões oriundos das minas do Brazil, e para Hespanha foram outros, conduzidos do Mexico e do Perú, e tudo isso ainda hoje produz ouro, parecendo que aquelle solo é inexgotavel.

Não se imagina a faina, com que alli se trabalha. Aquelles terrenos auriferos, explorados com ardor e tenacidade, dão trabalho a milhares d'operarios, e teem produzido verdadeiras fortunas, que não bastam á ganancia dos respectivos exploradores.

RETROSPECTO DA QUINZENA

Interior

Fundou-se em Ilhavo, mais um Circulo Catholico de Operarios. E' o septimo circulo de operarios que se fundou em Portugal. Foram iniciadores os snrs: Pa-

dre J. Francisco Quaresma, capellão do Bom Succeso; Padre João Nunes d'Oliveira e Souza, capellão da Ermida; Padre Benjamim Ferreira Jorge, capellão em Vagos; Padre José Maria Regalla, capellão do asylo de Nossa Senhora do Pranto; Pereira Pinto (Balsemão) administrador do conselho de Ilhavo, e Manuel Marques de Carvalho, proprietario e industrial.

Por meio d'uma circular (que recebemos), pedem estes cavalheiros quaesquer donativos em dinheiro, mobilia, etc. para mais engrandecer aquella nascente instituição, o que aqui fazemos publico, para conhecimento das almas religiosamente caridosas.

—Começa a publicar-se no proximo numero d'este jornal uma *Vida de S. José*, obra importante escripta em 1761 pelo Protonotario-apostolico Padre João Baptista de Castro, hoje completamente desconhecida. Esta obra é independente do jornal, formando livro áparte. Quem a pretender, tem de assignar o *Progresso Catholico*, pois que só os respectivos assignantes teem direito a possuil-a, por não se tirarem exemplares a maior.

Pede-se, pois, que se apresse a enviar o seu nome e morada á redacção, rua da Picaria n.º 74 acompanhado da quantia de 800 reis (importancia adiantada d'um anno d'assignatura), quem quizer possuir essa importante obra. Vindo tarde, sujeitam-se a não a poderem possuir, porque—repetimos—tira se só o numero exacto de exemplares. sufficiente para servir os assignantes.

—Agradecemos a visita do primeiro numero da «Democracia Christã» semanario que começou a publicar-se no dia 1 de fevereiro em Lisboa, e que se denomina orgão dos operarios catholicos. Ao novo collega desejamos innumeradas venturas e grandes prosperidades.

—Falleceu em Guimarães o snr. Antonio José de Abreu Campo Santo, na idade de 92 annos d'idade. Era pae dos rev.^{mos} dr. Luiz Maria d'Abreu Campo Santo, provincial da Companhia de Jesus em Portugal, e Joaquim d'Abreu Campo Santo, redactor do nosso prezado collega o «Novo Mensageiro do Coração de Jesus». A's familias enlutadas o nosso mais sentido pesame; e aos leitores pedimos uma prece por alma do illustre finado.

Exterior

A commissão das festas solemnes que devem realizar-se em Roma, desde 20 de fevereiro a 28 d'abril d'este anno, para commemorar o jubileu pontifical de Sua Santidade, enviou-nos uma circular da qual extractamos o seguinte:

Sexta-feira 20 de fevereiro de 1903—25.º Anniversario da eleição de S. S. Leão XIII ao Pontificado.—*Audiencia pontifical* ás peregrinações e deputações que vão a Roma por esta occasião. S. Em.^a o Cardeal Vigario e os bispos presentes em Roma offercem ao Soberano Pontífice a *Thiara d'Ouro*, symbolo do triplo poder pontifical. A commissão para as festas do jubileu offerce a S. S. o *obolo para os trabalhos de restauração em S. João de Latrão*, Cathedral do Papa, e Igreja Mãe de Roma e do Universo Catholico.

Sexta-feira 20, sabbado 21, e domingo 22.—*Triduo solemne*, celebrado pelos parochos de Roma, na igreja dos Santos Apostolos. No domingo missa de pontifical por S. Em.^a o Vigario de S. Santidade. N'esse domingo, banquete a mil pobres, dado ao meio dia no Vaticano pela Commissão Internacional.

Terça-feira 3 de março—Entrada solemne de S. Santidade na Capella Papal, abençoando as diversas peregrinações e trazendo na cabeça a *Thiara* offercida por seus filhos de todo o mundo. Benção pontifical *urbi et orbe e Te-Deum* solemne.

Sexta-feira 6, sabbado 7, e domingo 8 de março.—*Triduo solemne*, para o jubileu pontifical na Igreja de Jesus.

Terça-feira 28 d'abril Felicitações a S. Santidade por ter attingido os annos, mezes e dias do Pontificado de S. Pedro, na Cadeira de Roma.

Encyclopedia Portugueza Illustrada.—Accusamos a recepção do fasciculo 217 d'este magnifico dictionario universal, publicado sob a direcção do snr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico Cirurgica do Porto.

Comprehende 499 artigos e 12 figuras (*Foguetear a Fontão*). Entre os artigos mais notaveis d'este fasciculo citaremos: *Folha*, do snr. dr. Julio Henriques; *Fonseca* (Dermeval José da, Ignacio Joaquim da, Francisco Lourenço da, João Severiano da, Adelia Josephina de Castro e Antonio Borges) do snr. dr. Valentim de Magalhães; *Fonseca Costa*, *Fonseca Duarte*, *Fonseca Jordão*, *Fonseca Lessa* e *Fontana* (Carlos Eugenio) do mesmo senhor.

Continua a assignar-se este valioso dictionario em todas as livrarias e no escriptorio da empresa Lemos & C.^a, successor, Largos de S. Domingos, 63-1.º Porto. Em Lisboa são correspondentes os snrs. Belem & C.^a, Rua do Marechal Saldanha, 26.

A *Biblia Sagrada*—Publicou se e agradecemos o fasciculo n.º 70 d'esta notavel publicação, vertida pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo e commentada e annotada pelo Rev. Santos Farinha, professor de lingua e litteratura hebraica no Seminario de Lisboa. Traz 3 bellas gravuras.

Continua a assignar-se a 300 reis cada tomo, ou a 60 rs. cada fasciculo na Livraria Moderna, Rua Augusta n.º 95, Lisboa.

Eccos de Roma—Recebemos e agradecemos o n.º 2 d'esta revista mensal illustrada, correspondente ao mez de fevereiro, e que é publicada em Roma, sob a direcção de Mons. Thiago Sinibaldi.

Vem este numero adornado com 4 gravuras.

EXPEDIENTE

Alguns dos nossos assignantes nos teem pedido para não nos limitarmos a dar por brinde só as Chammas do amor de Jesus, mas sim outros quaesquer, e attendendo nós a esses pedidos, pomos á escolha dos snrs. assignantes mais os seguintes:

A Mãe segundo a vontade de Deus

Livro de todos

As tres rosas dos Escolhidos

A Santa Montanha de la Salette

Flôres a S. José

Vida popular de S. Vicente de Paulo

Bento José Labre

Sorrisos d'um velho.

Aquelles snrs. que enviarem 1\$000 réis só teem direito aos brindes brochados; e aquelles que mandarem 1\$200 rs. recebem as obras encadernadas.

Só teem direito aos brindes todos aquelles que mandem desde já satisfazer as suas assignaturas adiantadas.

Pedimos mais: quando nos tenham a escrever, que nos indiquem o numero da sua respectiva lista para mais facil expediente.

Vida do glorioso Patriarcha

S. JOSÉ

PELO PADRE

JOÃO BAPTISTA DE CASTRO

Vae o *Progresso Catholico* começar a publicar no n.º 5, correspondente ao dia 1 de março esta importante obra, devida á penna do grande escriptor o padre João Baptista de Castro, que foi nomeado em Roma proto-notario apostolico pelo Papa Clemente XIII, e é auctor classico de obras notabilissimas, como são uma *vida de Jesus Christo*, livro hoje rarissimo, e *O Mappa de Portugal*, obra de grande vulto.

Esta obra, extrahida com grande trabalho e cuidado do que deixaram escripto os santos Evangelistas e os Santos Padres, doutores da Igreja, narra a *Vida de S. José* com particularidades que não são vulgarmente conhecidas, e está escripta n'uma linguagem elegante e correcta, como sabia escrever aquelle distinctissimo escriptor.

E' pois um mimo e um *brinde apreciavel* que a empreza do *Progresso Catholico* offerece indistinctamente a todos os seus assignantes, que pela quantia annual de 800 reis poderão ter, conjunctamente com os 24 numeros do jornal, illustrado, e com secções religiosas, litterarias e artisticas, essa apreciavel obra d'um distincto e erudito escriptor.

A *Vida de S. José* que o *Progresso Catholico* vae publicar, foi impressa em Lisboa em 1761, e compõe-se dos seguintes capitulos, que publicamos, para se ver a importancia da obra:

CAP. I. — Da predestinação de S. José, e como foi annunciado em varias figuras e oraculos, muito antes que nascesse.

CAP. II. — Da geneologia e progenitores do glorioso S. José.

CAP. III. — Da santificação de S. José, no utero materno: seu nascimento e patria.

CAP. IV. — Do admiravel nome de José que se lhe poz na circumcisão, e da belleza corporal, de que foi dotado o glorioso santo.

CAP. V. — Das virtudes, prendas, e exercicios de S. José, nes seus primeiros annos.

CAP. VI. — Desposorios mysteriosos do Bemaventurado S. José, com a purissima Virgem Maria.

CAP. VII. — De algumas circumstancias dignas de se notar n'este santo matrimonio.

CAP. VIII. — Retira-se de Jerusalem S. José com a Virgem, e se estabelece em Nasareth.

CAP. IX. — Incarnação do Verbo Divino, e visita que os Santos Esposos fizeram a Santa Isabel.

CAP. X. — Como S. José conheceu a mysteriosa Conceição do Verbo na Virgem, e a quiz deixar: declaração do Anjo ao mesmo Santo.

CAP. XI. — Da jornada que S. José fez a Bethlem, com a Virgem, para obedecer ao Edito de Cesar.

CAP. XII. — Como S. José e Maria Santissima chegaram a Bethlem, e onde se recolheram.

CAP. XIII. — Do nascimento de Jesus Christo, e adoração dos Pastores.

CAP. XIV. — Da circumcisão do Menino Deus, e do santissimo nome de Jesus, que S. José lhe poz.

CAP. XV. — Assiste S. José á adoração dos Magos, e vae depois ao templo com a Santissima Virgem apresentar ao Menino Jesus.

CAP. XVI. — S. José com a Virgem Santissima e o Menino Deus fogem para o Egypto, da perseguição de Herodes.

CAP. XVII. — Da assistencia que o glorioso S. José fez no Egypto com a Virgem e o Menino Deus.

CAP. XVIII. — Retira-se S. José do Egypto com a Virgem, e o Menino, e voltam para Nasareth.

CAP. XIX. — Vae S. José com a Virgem e seu Filho a Jerusalem: fica o Menino Jesus occulto no Templo tres dias; no fim d'elles o acham disputando com os Doutores, e se recolhem a Nasareth.

CAP. XX. — Da felicissima morte do glorioso patriarcha S. José.

CAP. XXI. — Desde a alma de S. José ao limbo: resuscita gloriosamente com Christo, e com Elle sobe ao Céu em corpo e alma.

CAP. XXII. — Da gloria que o bemaventurado S. José gosa no Céu entre os mais santos.

CAP. XXIII. — Do genero de adoração com que deve ser venerado o gloriosissimo S. José.

CAP. XXIV. — Do augmento que tem tido na Igreja latina o culto do glorioso S. José.

CAP. XXV. — Proseguem-se as memorias chronologicas do culto do glorioso S. José, no seculo decimo oitavo.

CAP. XXVI. — De algumas Reliquias que nos ficaram do glorioso S. José.